



Versões e variantes das publicações e dos projetos de Fernando Pessoa em pessoadigital.pt

Author(s): Pedro Sepúlveda, Jorge Uribe and Ulrike Henny-Krahmer

Source: *Hispania*, December 2021, Vol. 104, No. 4 (December 2021), pp. 705-720

Published by: American Association of Teachers of Spanish and Portuguese

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/27127544>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



JSTOR

American Association of Teachers of Spanish and Portuguese is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Hispania*

Versões e variantes das publicações e dos projetos de Fernando Pessoa em pessoadigital.pt



Pedro Sepúlveda
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Jorge Uribe
Universidad EAFIT, Colômbia

Ulrike Henny-Krahmer
Universität Rostock, Alemanha

Resumo: Este artigo pretende refletir, a partir de exemplos do tratamento de versões e variantes de publicações e listas de projetos na Edição digital de Fernando Pessoa: Projetos e publicações (pessoadigital.pt), sobre a importância da leitura desta obra a partir do modo como foi concebida e apresentada ao público pelo seu autor. Esta abordagem apresenta o poeta modernista português Fernando Pessoa (1888–1935) como autor de materiais específicos, que contrariamente ao mito de um poeta póstumo que recusava a publicação planeou editar os seus textos segundo certos moldes, variáveis ao longo do tempo, concretizando estes planos em diversas publicações. Na Edição digital é conferida particular atenção ao modo específico como cada texto foi publicado pelo autor, considerando as suas características próprias enquanto peça bibliográfica. Na representação das publicações e dos projetos, a edição segue as normas da Text Encoding Initiative (TEI), beneficiando das possibilidades oferecidas para uma codificação detalhada de fontes bibliográficas, o estabelecimento de um texto crítico e uma codificação genética intratextual. Através do processamento digital dos testemunhos da obra pessoana, a mediação das ferramentas digitais conduz a uma maior proximidade dos leitores com a materialidade dos textos que compõem a obra, que é recriada num novo suporte.

Palavras-chave: digital edition/edição digital, Fernando Pessoa, Portuguese Modernism/Modernismo Português, Text Encoding Initiative (TEI), variants/variantes, versions/versões

1. A edição digital das publicações e dos projetos de Fernando Pessoa

A Edição digital de Fernando Pessoa: Projetos e publicações (pessoadigital.pt) é produto de uma colaboração internacional entre investigadores do projeto Estranhar Pessoa, sediado no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa (IELT, NOVA FCSH), do Cologne Center for eHumanities (CCeH) da Universidade de Colónia, do Institute of Documentology and Scholarly Editing (IDE) e da Universidade EAFIT de Medellín. A equipa editorial integra tanto especialistas na obra de Pessoa como no campo das humanidades digitais, propondo, nesta conjunção, novos moldes de edição e de acesso aos textos que a compõem. O tratamento conferido a versões e variantes dos textos pessoanos na edição—tanto das publicações em vida em jornais e revistas como das listas de projetos editoriais, elaborados e deixados pelo autor como parte do seu espólio—contrasta com anteriores propostas de edição em livro. Este tratamento visa promover uma maior proximidade

aos materiais da obra, sublinhando a tensão entre a potencialidade de um projeto e a sua incompleta ou inconclusiva realização. Além de introduzir brevemente o autor, a sua obra e o projeto da Edição digital em geral, presentemente disponível na sua versão 1.0, a presente introdução aponta para aspetos determinantes, que serão desenvolvidos ao longo do artigo, no modo como a Edição digital permite dar conta de especificidades do corpus da obra de Pessoa que propõe editar, promovendo um acesso mais imediato e informado às suas fontes. Uma segunda parte incidirá sobre a representação editorial de versões e variantes das publicações em vida do poeta, focando os meios utilizados pela edição para dar a ver as características particulares de cada publicação. A sua terceira parte discute o tratamento de versões e variantes dos projetos editoriais do autor através de diferentes modalidades de transcrição, que permitem apresentar aos leitores o caráter processual do desenvolvimento destes projetos. Através da análise de exemplos específicos e de dados retirados da edição, procurar-se-á demonstrar como novas modalidades editoriais e de acesso aos textos, que beneficiam das possibilidades oferecidas pelo formato digital, permitem uma interação próxima e ampla dos leitores com a obra.

Estas considerações revelam-se particularmente oportunas no caso de Fernando Pessoa (1888–1935), cuja obra é considerada o principal contributo em língua portuguesa para o modernismo literário europeu e em torno do qual foi criado o mito de um poeta que recusava a publicação e se refugiava no anonimato, atingindo apenas um amplo reconhecimento após a morte, através de publicações póstumas da sua obra (Simões e Tabucchi). Como acontece habitualmente com os mitos, este alberga uma verdade apenas parcial e inexata, que esconde uma relação complexa do autor com a exposição pública da obra e o seu reconhecimento em vida. Se é verdade que publicou apenas um livro de poesia em português, *Mensagem*, em 1934, e quatro folhetos de poesia em inglês, entre 1918 e 1921, não é menos exato afirmar que foi colaborador assíduo dos mais diversos periódicos de referência da época, entre revistas literárias e jornais generalistas, tendo concretizado mais de 200 publicações desta índole.¹ Estas publicações são, por outro lado, apenas uma pequena parte de uma obra principalmente contida na famosa arca de papéis que deixou aquando da sua morte, hoje à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal e totalizando cerca de 30.000 documentos.² O seu último poema publicado em vida, sob o título “Conselho” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Conselho), apresenta uma ideia de exposição pública extremamente seletiva e criteriosamente ponderada de acordo com a especificidade do seu contexto, que terá marcado todo o percurso do poeta.³

Para além destas publicações concretizadas em vida, Pessoa elaborou inúmeros projetos e planos editoriais, presentes em notas, na correspondência com pares e críticos, e em diversas listas, que apontam para uma dimensão potencial da obra, tal como concebida em diferentes momentos. A Edição digital de Fernando Pessoa: Projetos e publicações (pessoadigital.pt) oferece novas modalidades de acesso aos escritos do autor, dando a ler o contraste entre o caráter potencial das listas de projetos editoriais contidas no seu espólio e a fixação implicada nas publicações, em jornais e revistas, abarcando o período da vida adulta do autor, entre 1912 e 1935. Como indicado na página de rosto da edição (pessoadigital.pt/pt/index.html), o conjunto da poesia publicada em vida em jornais e revistas, constituindo 72 publicações, encontra-se disponível na totalidade. A prosa publicada pelo autor em periódicos e as listas de projetos editoriais, formando um conjunto de perto de 120 publicações e 248 listas, estão, na sua maioria, já disponíveis, encontrando-se os documentos em falta a ser disponibilizados gradualmente e prevendo-se que estejam disponíveis na sua totalidade em 2021. Todos os documentos da Edição digital são codificados seguindo a norma da Text Encoding Initiative (TEI), que proporciona não só fundamentos para a representação das fontes escritas no suporte digital como também conceitos e técnicas que visam o registo de variantes e versões (Burnard).

É sem dúvida um elemento curioso que, sendo Pessoa um autor tão sistematicamente caracterizado como póstumo, o corpus das suas publicações em vida esteja ainda a crescer, não sendo claro que esteja já definitivamente fixado, embora tenha sido objeto de sucessivos esforços editoriais. De facto, nos últimos vinte anos, perto de vinte publicações, maioritariamente em

jornais, algumas das quais assinadas e outras anónimas, e ainda algumas que terão sido redigidas em colaboração com outros escritores, têm vindo a ser-lhe atribuídas por diversos investigadores, através do confronto com os documentos do espólio, para serem integradas no cânone da obra pessoana publicada em vida (Uribe). Neste procedimento, foi de importância decisiva o conhecimento e a revisão das listas de projetos editoriais nas quais Pessoa deixou registos da sua própria atividade editorial, integradas na Edição digital, e que em confronto com as publicações permitem uma visão mais abrangente dos procedimentos de escrita, planeamento e publicação de Pessoa ao longo dos anos.

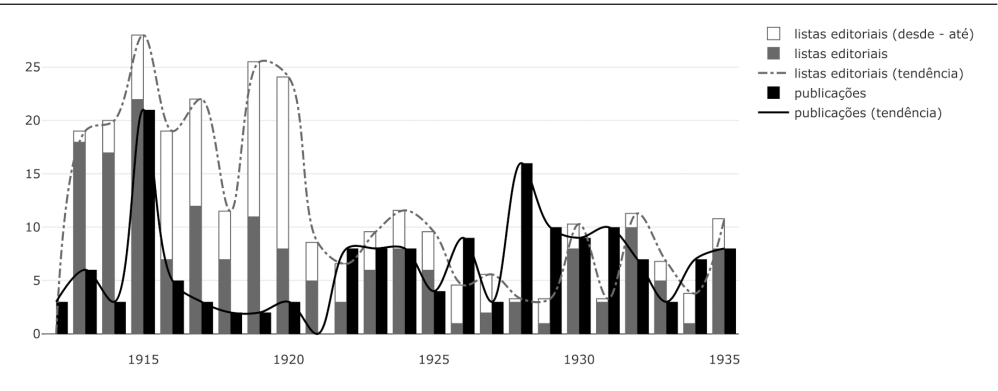


Figura 1. Número de listas editoriais criadas (a cinzento) e obras publicadas (a negro) por Pessoa entre 1913 e 1935

Na figura 1, o número de listas editoriais que Pessoa criou entre 1913 e 1935 é comparado com o número de publicações feitas no mesmo período. Os números representam as listas editoriais e publicações já disponíveis na Edição digital, pelo que são apenas aproximativos da totalidade das listas e publicações realizadas por Pessoa em vida, mas permitem obter uma impressão geral da sua atividade ao longo do tempo. Para a elaboração do gráfico, as datações das listas editoriais e das publicações foram interpretadas do seguinte modo: listas com uma data exata foram contabilizadas no ano em que se criaram e listas com uma datação aproximada (indicada através de um período temporal, “desde-até”) foram distribuídas por todos os anos desse período, mas contabilizando apenas 1/n (n = números de anos) para cada ano. Por exemplo, uma lista datada como “1920–27” é contabilizada oito vezes com 1/8. Evita-se assim que as listas com datação imprecisa concentrem num mesmo ano todo o período de elaboração possível. Como se pode ver na figura, o número desse tipo de listas é significativo, especialmente entre 1916 e 1920. No caso das publicações, foram contempladas tanto as primeiras publicações como as reedições.⁴

O número de listas editoriais criadas por ano foi mais alto até 1920, mas também depois se observa uma atividade editorial contínua, se bem que a um nível mais baixo que nos primeiros anos, interpretando o número de listas criadas como indicador de atividade. Por outro lado, também a atividade de publicação é contínua, atingindo cedo um ponto máximo em 1915, ano da publicação da revista *Orpheu*, que marca a apresentação da geração do modernismo português de que Pessoa é figura principal, e um certo abrandamento a partir de 1921, que é revertido em 1928, prosseguindo a um nível alto até 1935. Os anos 1921–22 marcam um ponto de viragem quanto à ênfase de Pessoa no planeamento e na publicação. Estes dados confirmam duas ideias já sugeridas pela crítica, a primeira de que o planeamento editorial acompanha os períodos de atividade de escrita mais intensa de Pessoa, a que nem sempre corresponde um maior número de publicações, como é visível no período entre 1913 e 1920. Em segundo lugar, esta visualização

confirma a percepção de um abrandamento da atividade de escrita e de planeamento de Pessoa entre 1921 e 1927, ainda que seja visível uma regularidade na publicação da obra neste período. A partir de 1928, a aproximação da geração de escritores e críticos responsáveis pela revista *Presença* ofereceu novas possibilidades de publicação e divulgação da obra, que constituíram um estímulo à própria escrita. Com efeito, 1929 é o ano em que o poeta retoma a publicação de textos do *Livro do desassossego*, atribuídos a Bernardo Soares, em diversos jornais e revistas, e inaugura uma fase final da produção em nome dos heterónimos. Visualizações globais e contrastantes, que incluem tanto documentos de planeamento como textos publicados, tornam-se possíveis através da Edição digital, que integra ambos os tipos de fontes. Para além disso, esta facilita o acesso a todos os textos concentrados num período específico, por meio da “Cronologia-Linha do tempo” (pessoadigital.pt/pt/timeline) ou através da consulta dos “Índices” de “Nomes” (pessoadigital.pt/pt/index/names), de “Periódicos” (pessoadigital.pt/pt/index/periodicals) ou de “Títulos” (pessoadigital.pt/pt/index/titles).

Uma das prioridades da edição é a promoção de um acesso mais direto às fontes, utilizando as ferramentas digitais com vista a proporcionar uma maior proximidade de leitores, estudantes e investigadores com a materialidade dos textos que compõem a obra. Esta proximidade é estabelecida, desde logo, por uma visualização paralela das fontes primárias—fac-símiles dos originais das publicações ou dos documentos do espólio do autor—e do texto editado. Para além disso, alguns destes textos, incluindo as listas, tornam-se exemplos de edição de hiperligações, nas quais um documento específico é uma porta de entrada para outros com os quais mantém uma relação intratextual. Esta condição relembra uma das características distintivas da edição digital sublinhada pela crítica:

In an electronic critical edition the critical text will be the locus of a set of data connected to it by various kinds of links, some established specifically by the editor, others established automatically by software tools. The critical text will not exist as a self-sufficient isolate but rather as part of a rich environment. (Faulhaber, *apud* Vanhoutte, par. 23)

O “contexto rico” (*rich environment*) é configurado de forma explícita nesta edição através de uma vinculação entre listas e publicações e destas últimas entre si, que é sintética do trabalho extensivo, por parte de críticos e editores ao longo dos anos. É criado um vínculo entre uma ocorrência de um título ou uma referência numa lista e um texto que fazia parte de outro arquivo fisicamente distante do espólio Pessoa, fazendo com que agora ambas as fontes coexistam num mesmo espaço de leitura. Um exemplo disto pode ser encontrado na Edição digital da lista BNP 144X-48v (pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_144X-48v), que contém hiperligações de acesso, a partir de referências da lista a textos tradicionalmente reconhecidos como parte do cânone das publicações em vida de Pessoa, mas que oferece, também, a ponte que justifica a atribuição de um texto não assinado, efetivamente publicado, mas que só muito recentemente foi acrescentado ao cânone das publicações em vida de Pessoa. O leitor poderá assim constatar que a referência “1. Artigos em A Águia = 1 + 1 + 1(3) + 1 almada (não a “Floresta”)” apresenta ligações para cinco textos diferentes, todos assinados por Pessoa, enquanto que a referência “12. Programma da Contemporanea” lhe oferece uma ligação para um texto não assinado e só recentemente integrado no referido cânone por parte dos editores, precisamente com base nesta lista, tal como é explicado numa nota editorial que acompanha o texto (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Programa_Contemporanea). Deste modo, a proximidade entre lista e publicação traduz-se numa linha de codificação que permite ao leitor, e à máquina, ler ambos os textos como instâncias de um mesmo campo, o que é realizado através da utilização de referências diretas entre ambas publicações no TEI, apresentadas como hiperligações em HTML.⁵

Nesse sentido, a Edição digital enquadra-se no marco de uma discussão recente nas humanidades digitais em torno aos conceitos de “arquivo” e “edição”, e reivindica esta dupla condição como instâncias que tendem para uma integração orgânica:

Electronic editions and electronic archives, in Tanselle's view, are therefore synonymous. At the same time, it is true that the meaning of the word 'archive' in connection with electronic textual editing has changed over the course of time. Originally denoting a mere repository of digital surrogates of material artefacts and processed data, the concept has come to include scholarly and critical material such as edited texts, annotations, scholarly essays and the like, alongside the digital resources. This transition has happened organically. (Vanhoutte, par. 32–33)

A leitura dos textos na Edição digital é também facilitada por modos distintos de acesso às mesmas fontes, através da sua indexação por autor, tipo de documento, género, cronologia e referências a nomes e títulos de obras ou periódicos, imediatamente visível na barra central de utilização do portal. Para além disso, a edição confere particular atenção ao modo específico como cada texto foi escrito ou publicado pelo autor, considerando as suas características próprias enquanto peça bibliográfica, frequentemente eliminadas ou reformuladas em organizações em livro dos mesmos textos. Esta atenção particular vai ao encontro das considerações de Jerome McGann a respeito da importância do código bibliográfico do texto ("Texts" 13–16). Alargando as suas considerações ao âmbito da edição digital, McGann ("The Rationale" 11–12) sublinhou a necessidade de conciliar, através do digital, os propósitos da edição crítica e da edição facsimilada, dando a ver as particularidades bibliográficas do suporte de cada texto, assim como o seu contexto particular de publicação. A edição contempla essas particularidades através da articulação entre o facsímile e o texto editado, e da apresentação de cada texto enquanto peça pertencente a um dado contexto e publicada num determinado suporte, com características visuais e linguísticas próprias.

Como o texto editado é apresentado de um modo próximo ao facsímile, na sua fixação no novo suporte prescinde-se de uma absoluta fidelidade tipo—e quirográfica. Em vez disso, e especialmente no caso da representação das listas manuscritas, o texto editado visa ser uma versão estruturada do texto, através de marcações específicas de cada elemento. De qualquer modo, é tecnicamente difícil realizar uma reprodução fiel de como o texto impresso, datilografado ou manuscrito, se encontra organizado materialmente nas folhas e páginas, com dificuldade crescente entre os três tipos de escritos que integram a edição. Neste contexto, o trabalho dos editores consiste em interpretar a estrutura e a organização dos documentos para alcançar uma representação e apresentação o mais adequada possível, unindo as metas de fidelidade e legibilidade. Esse processo de interpretação estrutural das fontes já começa na codificação em TEI, quando é decidido, por exemplo, se o que se vê é uma ou são várias listas, consecutivas ou alinhadas, ou se se trata por exemplo de uma estrutura tabular. A semântica estrutural nem sempre se pode deduzir diretamente da distribuição espacial do material nas folhas, sendo igualmente necessário ter em conta a dimensão significativa de cada texto. Não resultam daqui fortes intervenções editoriais, mas cautelosas, que visam apresentar cada elemento na sua especificidade. Neste sentido, a versão de base de transcrição das listas editoriais é diplomática. Se bem que tomada num sentido amplo, trata-se de uma versão diplomática porque todas as variantes e alterações feitas por Pessoa nos documentos são aí preservadas. Através do processo de codificação das fontes (em TEI), independentemente da forma posterior de apresentação (na web, em HTML), e também pela comparação direta de facsímiles com o texto editado, o trabalho interpretativo do editor torna-se mais reconhecível que na edição impressa. Naturalmente, este mesmo processo de interpretação das fontes também subjaz às edições impressas, mas não é habitualmente comunicado de forma tão transparente como no meio digital.

A reprodução digital dos facsímiles, tanto de documentos autógrafos do espólio pessoal como de publicações em jornais e revistas, assume então, junto do texto editado, uma relação simbiótica que se tem vindo a constituir como característica das edições digitais (Pierazzo 72–83). Esta complementaridade permite que a edição responda não só a uma necessidade de acesso às fontes, como também se ocupe diretamente da maneira como os textos podem ser lidos em

conjunto, abrindo espaço para leituras interessadas na recolha de linhas de sentido dispersas pela obra. Desta forma, a edição inscreve-se numa reflexão determinada pela maneira como o suporte digital participa das implicações hermenêuticas e heurísticas da obra e não só de um problema de acessibilidade. A sua atenção particular às características bibliográficas implica um tratamento das versões e variantes textuais, no caso das publicações em periódicos, distinto do que é seguido quanto às listas editoriais. Se neste último caso importa dar a ver as diferentes fases de um processo de escrita, no primeiro trata-se principalmente de mostrar a importância dos moldes específicos de cada publicação, considerando todas as diferentes publicações de cada texto. No seu conjunto, a materialização da obra pessoana é recriada no novo suporte (Hayles) através do processamento digital das listas editoriais, dos poemas e da prosa publicada, da integração dos facsímiles correspondentes, e da consideração de variantes textuais e dos contextos bibliográficos.

2. Versões e variantes das publicações em vida do autor

O propósito de preservação das características particulares de cada publicação leva a edição digital a considerar todas as publicações em vida do autor de cada texto, de dois modos distintos. Sempre que o mesmo texto foi integrado em conjuntos diferentes, que o reposicionam, as publicações são editadas enquanto peças autónomas. Se o texto foi republicado pelo autor não existindo este tipo de alteração da sua posição na obra e apresentando somente algumas variações linguísticas, é estabelecido um texto crítico, que contempla as variantes textuais de cada publicação. Em qualquer destes textos, é mantida a ortografia original das publicações, surgindo apenas com ortografia atualizada as referências aos lugares de publicação e as notas editoriais.

Num caso que é particularmente significativo do ponto de vista da transformação do sentido operada, Pessoa integra num novo conjunto poemas anteriormente publicados de forma isolada. Em “Alguns Poemas (Sacadura Cabral, Gladio, De um Cancioneiro)”, *Athena*, núm. 3, dezembro de 1924, o autor dá a conhecer pela primeira vez os poemas “Sacadura Cabral” e “Gladio”, integrando ainda em “De um Cancioneiro” catorze poemas, quatro dos quais já publicados (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Alguns-Poemas). Estes quatro poemas, integrados sem títulos no novo conjunto, foram anteriormente publicados sob os títulos “Impressões do Crepusculo” (*A Renascença*, Fevereiro de 1914), “A Ceifeira” (*Terra nossa*, Setembro de 1916), “Canção de Outomno” (*Ilustração portuguesa*, 28 Janeiro de 1922) e “Canção” (*Ilustração portuguesa*, 11 de Fevereiro de 1922), apresentando as versões diferenças ortográficas, de pontuação e também de conteúdo significativas, cada uma correspondendo a uma entrada autónoma na edição.⁶ Para além destas diferenças ao nível dos textos dos poemas, é de assinalar ainda algumas implicações que este tipo de variantes têm para a leitura da obra.

O título “Impressões do crepusculo”, por exemplo, abrange um díptico composto por um poema cujo primeiro verso é “Ó sino da minha aldeia . . .” e um segundo que começa por “Pauis de roçarem ansias pela minh’alma em ouro . . .”. Salta à vista nesta dupla leitura um contraste de tipo estilístico entre ambos os poemas—um deles sob um sistema de rima e moldes prosódicos próprio da tradição popular portuguesa e o outro marcado por reticências, exclamações e versos extensos e frenéticos embora rimados, que fazem pensar numa influência da poesia francesa finissecular. Este contraste, em 1914, estaria vincando as diferenças face a uma prática poética próxima do movimento “saudosista” português que tinha como órgão de difusão a revista *A Águia*, com a qual Pessoa tinha colaborado e rompido relações em 1913, e a abertura de um caminho para a experimentação vanguardista ou pós-simbolista que o poeta exploraria entre 1915 e 1917, nas revistas *Orpheu* (1915), *Exílio* (1916), *Centauro* (1916) e *Portugal futurista* (1917). Dez anos mais tarde, na revista *Athena*, o poema “Ó sino da minha aldeia” é inteiramente recontextualizado, retirando-o da companhia de “Pauis de roçarem ansias pela minh’alma em ouro”, que nunca voltaria a ser publicado, e integrando-o num conjunto de poemas de índole tradicional e popular, com claros ecos do romantismo inglês, que configuram uma particular visão do classicismo que a revista recupera. A Edição digital dá a ler os textos de ambas as

publicações enquanto peças autónomas, não só do ponto de vista linguístico como bibliográfico, daí resultando sentidos e experiências de leitura muito distintas.⁷ As notas editoriais a cada texto remetem para a existência de outras versões e indicam as principais diferenças entre elas.

Digno de nota é também o caso da publicação de poemas de índole patriótica, que Pessoa reuniu em 1934 no seu livro *Mensagem*. Este caso apresenta uma menor variação ao nível da definição de diferentes conjuntos, mas variações particularmente relevantes quanto à atribuição de títulos e a variantes textuais. O conjunto de poemas “Mar português” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Mar_Portuguez) foi publicado em três suportes distintos, nas revistas *Contemporânea*, núm. 4, outubro de 1922, *Leitura para todos—Revista mensal ilustrada*, núm. 83, junho de 1926 e *Revolução*, 16 de Junho de 1933. Um dos seus poemas, “Prece”, foi ainda publicado isoladamente (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Prece) e três outros poemas foram incluídos num conjunto que faz diretamente referência ao livro, logo após a sua publicação (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Do_livro_Mensagem).⁸ Enquanto as variações entre publicações distintas, de conjunto ou de poemas isolados, a que correspondem diferentes entradas, são indicadas na nota editorial, as variantes textuais entre publicações de um mesmo conjunto ou de um poema isolado, que incluem a pontuação e a utilização de maiúsculas, são indicadas de forma imediatamente visível no corpo do texto, através do método da “segmentação paralela”.

Este método é uma das três estratégias principais propostas pela Text Encoding Initiative (TEI) para a codificação de aparatos críticos e a sua integração no próprio texto de edições digitais. A estratégia do método da “segmentação paralela” (*parallel segmentation method*) baseia-se em codificar as variantes precisamente no local onde se encontram no texto a editar. Aqui o aparato não é guardado separadamente, mas diretamente integrado no texto. Em princípio, todas as variantes são tratadas de forma igualitária, o que significa que não é preciso decidir previamente sobre um texto-base único. Em vez disso, os editores podem decidir em cada caso qual das variantes deverá ser privilegiada (TEI Consortium, “The Parallel Segmentation Method”). Isto é vantajoso no caso de Pessoa, porque permite escolher uma variante correspondente a uma primeira versão ou a alguma posterior, tendo sempre em conta as circunstâncias da obra—planeada ou realizada—e o contexto bibliográfico mais amplo, e estabelecendo assim um texto crítico sensível à totalidade da obra pessoana. Além disso, o método de segmentação paralela facilita a apresentação das entradas do aparato crítico diretamente no texto para o utilizador da Edição digital, como se mostra na figura 2, acentuando assim o facto de a obra do autor, mesmo a publicada, ser objeto de permanente reescrita.

VII

OS DESCOBRIDORES DO OCCIDENTE

Com duas mãos, o Acto e o Destino,
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino,
E a outra afasta o véo.

Fosse a hora propícia ou a força fria
A mão que o Oeste a estes entregou
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que consummou.

Leitura, 1926: acaso, ou vontade, ou temporal,

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que a estes o Occidente abriu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

Figura 2. Visualização do aparato crítico no poema VII de “Mar português”

O exemplo mostra como o aparato crítico codificado em TEI é visualizado diretamente no portal da Edição digital. O poema “Os descobridores do ocidente”, que forma parte do conjunto de poemas “Mar português”, foi publicado quatro vezes, três delas em periódicos, em 1922, 1926, 1933, e em 1934 no livro *Mensagem*, sempre sob o mesmo título de conjunto e ocupando a mesma posição na sequência (VII). Não foi ainda possível localizar e disponibilizar reproduções da terceira publicação, por dificuldade de acesso ao suporte, pelo que a edição contempla, por agora, apenas as duas primeiras versões, confrontadas no texto editado, sendo feita referência às restantes na nota ao poema. Estas versões distinguem-se, no poema VII, em duas passagens, marcadas a azul, em que o utilizador pode visualizar as variantes movendo o ponteiro do rato sobre cada uma. A republicação do poema em 1926 opta por uma lição textual repetida no início da estrofe seguinte, “acaso, ou vontade, ou temporal”, que, apesar de criar um efeito de aproximação do sentido de ambas as estrofes implica a renúncia ao motivo recorrente nos poemas da *hora*, “a hora propicia ou a força fria”. Este motivo foi recuperado e reinventado na publicação em livro deste verso, em 1934, onde se lê, no poema que aí se intitula apenas “Occidente”, “a hora que haver ou a que havia”. A versão publicada em *Contemporânea*, em 1922, apresenta uma maior proximidade com o livro publicado pelo poeta em 1934, visível também em opções pela letra maiúscula em conceitos determinantes nos poemas. A edição opta, neste caso, por seguir esta versão como texto-base, indicando variantes posteriores através da segmentação paralela, que permite ao leitor o seu visionamento imediato. Noutros casos, é privilegiada no texto da edição uma das versões em termos de variantes substantivas e outra no que diz respeito à pontuação, tomando sempre em consideração a coerência textual de cada versão, na sua relação com o todo da obra, e mantendo sempre visíveis as alternativas propostas pelo autor.⁹

No caso da prosa, são poucos os textos que Pessoa publicou mais de uma vez em jornais e revistas, e na maior parte dos casos as diferenças são apenas de variantes orto-tipográficas mínimas, contudo a sua consideração faz parte dos elementos que compõem a textura da Edição digital.¹⁰ Um exemplo da edição de variantes na prosa pessoana é o texto “O Preconceito da Ordem” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_O_Preconceito_da_Ordem), publicado primeiro no jornal *Eh Real!* a 13 de Maio de 1915, e posteriormente no jornal *Portugal: Semanário republicano*, a 12 de Dezembro do mesmo ano. Neste caso, para além de algumas variantes ortográficas que devemos interpretar como produtos da intervenção dos editores das publicações, encontramos uma variante que é possível interpretar como lapso editorial na reedição, que acontece poucos meses após a primeira publicação. Porém, esta variante (de “justíssima analogia” para “injustíssima analogia”) tem implicações para o sentido do texto, outorgando-lhe um tom irónico que não é estranho a Pessoa noutras ocasiões e que pode dificultar a compreensão deste texto por parte da crítica (Silva, par. 4). Assim sendo a “segmentação paralela” permite considerar esta opção, fazendo com que neste caso o texto crítico, baseado na primeira publicação, cumpra o papel de texto-base, destacando a variante e disponibilizando paralelamente os facsímiles completos de ambas as publicações.¹¹

Um caso mais interessante é o de um artigo escrito em modo de breve narração anedótica sobre a figura do Vigário, pertencente à tradição popular, publicado primeiro, em 1926, sob o título “Um grande português” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Um_grande_portugues), depois em 1929 sob o novo título “A origem do Conto do Vigário” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_A_Origem_do_Conto_do_Vigario). Neste caso, interpretamos o segundo texto como uma versão independente, na qual não somente o título foi alterado, mas também o parágrafo final do texto. Para além disso, voltando à questão da importância da peça bibliográfica, na sua segunda publicação o texto interage com um novo contexto editorial no qual intervém, por exemplo, uma escrita que não é da responsabilidade autoral de Pessoa mas dos editores do jornal. Aqui o TEI permite codificar separadamente esses trechos do texto indicando a mudança de responsabilidade autoral dentro do texto. Neste caso, cria-se uma interação entre o texto de Pessoa e uma curta-metragem de Leitão de Barros, da qual são reproduzidas algumas imagens em

facssímile (veja-se a figura 3 em baixo, em que é apresentada a imagem da publicação, facultada pela Biblioteca Nacional de Portugal, pessoadigital.pt/pt/project/licenses). Fica claro que este contexto é completamente alheio ao da primeira publicação, o que enriquece o texto e justifica a sua edição independente.



Figura 3. Facssímile da publicação de “A origem do Conto do Vigário”

Para além da possibilidade de registo e consulta praticamente simultânea de variantes, uma das inovações que oferece a Edição digital, perante a história da tradição editorial pessoana, é que, seguindo como referência principal o trabalho de autopublicação do autor, esta propicia uma visão de conjunto da obra que tinha sido impossibilitada em edições que optaram por algumas diferenciações de géneros sistematicamente sublinhadas e artificialmente demarcadas. Pessoa, em vida, publicou tanto poemas como prosas, uma peça de teatro, textos que poderão ser chamados contos, colunas de opinião, ensaios, e ainda, textos acerca dos seus textos, fossem estes poemas ou prosas. Também publicou poemas em nome próprio, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, seus heterónimos, e prosas assinadas em nome de Pessoa e Campos. As edições póstumas têm erigido estas diferenciações de género e de autoria como critérios excludentes para a organização da obra. Por isso, uma edição em livro oferece-nos os poemas de Pessoa e dos heterónimos, por exemplo, mas deixa de fora a prosa; ou então oferece-nos a prosa e a poesia de Campos, mas deixa de fora a obra atribuída aos outros nomes.¹² A particularidade da obra pessoana, na sua condição de conjunto de livros indefinidamente adiados (Sepúlveda, *Os livros* 25–65), sublinhada pelos seus próprios projetos editoriais, desafia este critério de separação. Neste sentido, a Edição digital atualiza essa condição de potencialidade adiada, oferecendo ao leitor a possibilidade de se mover no âmbito de um conjunto aberto, por meio da codificação e organização de múltiplos hipertextos.

Um exemplo muito palpável disto encontra-se no texto intitulado “Tábua Bibliográfica, Fernando Pessoa” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Tabua_Bibliografica_FPessoa), publicado em Dezembro de 1928, e que contém uma antologia das suas próprias publicações, elaborada pelo poeta com vista a recuperar a atividade editorial que desenvolvera até então, num ano marcado, como acima referido, por um importante momento de reconhecimento. A transcrição deste documento na Edição digital oferece um texto que possui o valor de “índice”, apresentando um conjunto de hiperligações a outros elementos da mesma edição, codificados através de referências (<ref>) em TEI. A leitura deste texto, como portal de acesso aos outros que nele são referidos, não tem a mesma relevância nas edições existentes do corpus das publicações em vida, dado que praticamente todas têm seguido algum dos critérios excludentes acima referidos e nenhuma reproduz a variedade de géneros literários representados na mesma lista. Contudo, um texto como este, cujo objeto são os outros textos e o desenvolvimento de categorias editoriais a partir deles, adquire uma nova profundidade que não poderia ser completamente realizada por qualquer reprodução no formato de página de um livro. A leitura da “Tábua bibliográfica” na Edição digital manifesta uma complexidade implícita e a sua transcrição constitui uma representação mais completa do modo como o próprio autor concebia a sua obra, enquanto a redigia e a ia publicando.

3. Versões e variantes dos projetos editoriais

No caso das listas de projetos editoriais, a edição procura dar a ver o seu carácter processual, através da marcação de diferentes fases de escrita das mesmas, a que correspondem versões distintas dos projetos. Neste sentido, prescinde-se de apresentar, tal como nas publicações em vida do autor, um texto crítico, optando por uma visualização paralela das diferentes fases sem conferir a qualquer uma delas um privilégio sobre a outra. Contrariamente ao caso das publicações, trata-se de conceber aqui uma organização não-hierárquica dos textos e das suas versões (McGann, “The Rationale” 72–73).

Tratando-se de documentos de planeamento da obra, pontualmente significativos e em permanente processo de revisão e transformação por parte do autor, a edição oferece ao leitor uma combinação de três diferentes formas de edição:

1. Transcrição diplomática, incluindo todas as variantes, hesitações e trechos posteriormente rejeitados pelo autor;

- 2. primeira versão do texto, tal como estabelecida pelo autor e contemplando o desenvolvimento de abreviaturas;
- 3. última versão do texto não rejeitada pelo autor, incluindo igualmente abreviaturas desenvolvidas.

As edições disponíveis em formato de livro definem-se com base na lição autoral escolhida e consequente versão estabelecida de cada texto. Como é amplamente conhecido no caso das edições da obra de Pessoa, algumas delas seguem a primeira lição do texto, outras a última, existindo casos em que a escolha entre as variantes existentes é feita com base num critério hermenêutico.¹³ A Edição digital segue e amplia um propósito já enunciado numa antologia em livro das listas de projetos editoriais (Sepúlveda e Uribe), que apresentou transcrições diplomáticas de um conjunto de 90 listas. Aqui, para além de uma transcrição diplomática—em que acrescentos, variantes e trechos riscados são apresentados de um modo graficamente legível, utilizando apenas uma simbologia mínima para marcar palavras ilegíveis e trechos dubitados pelo autor—a primeira e última versões do texto permitem visualizar as diferentes fases de escrita, correspondentes ao privilégio concedido pelo autor a projetos distintos ou cujos títulos opta por modificar.

No que diz respeito a variantes textuais, o exemplo da lista com a cota BNP 180^r, do espólio do autor à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_180^r), é elucidativo (veja-se a figura 4).

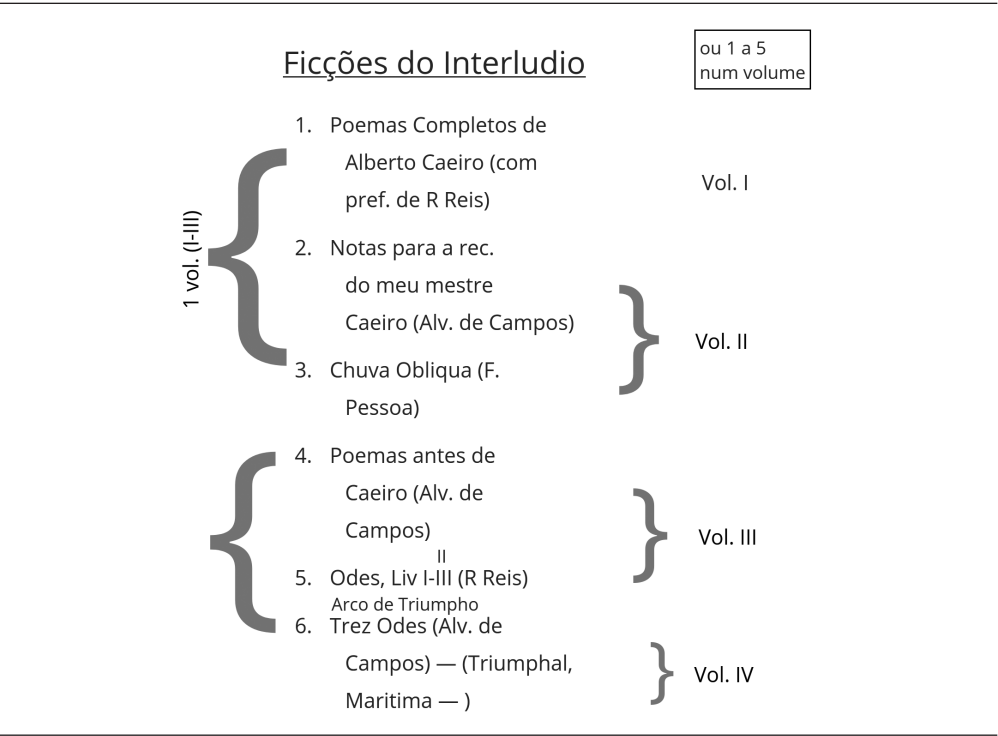


Figura 4. Versão diplomática do documento BNP 180^r na Edição digital

Nele encontramos uma importante lista de projetos datável do início dos anos 30, em que Pessoa reúne diversos títulos de obras a publicar, anteriormente publicadas apenas de forma parcial em revistas literárias, sob o título, recorrente noutros textos, de “Ficções do interludio”. Esta reunião de obras confere um sentido de constelação a títulos de outro modo díspares: o

poema “Chuva oblíqua”, publicado em 1915 em nome próprio, na revista *Orpheu* (pessoadigital.pt/pub/Pessoa_Chuva-Obliqua), e diversas obras atribuídas às suas figuras heterónimas Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, prevendo vários volumes, nunca concretizados pelo poeta, que iriam muito além do anteriormente publicado de forma dispersa. A propósito da obra de Reis, Pessoa começa por prever o projeto de edição de “Odes liv[ros] I–III”, acrescentando depois a variante “II”, considerando, portanto, restringir a dois livros de odes os inicialmente três previstos. Concebendo a publicação da obra de Campos, o movimento seguido é contrário a este, sucedendo-se a um primeiro projeto de publicação de “Trez odes” uma ideia de livro mais abrangente, sob o título “Arco de triumpho”, recorrente noutras listas.¹⁴ A transcrição diplomática dá a ver esta variação, tal como a primeira e última versões do documento apresentam os resultados das duas fases de escrita, correspondentes a fixações distintas do projeto de uma coleção de volumes sob o título “Ficções do interlúdio”.

Enquanto a codificação das variantes nos textos publicados se baseia num aparato crítico, integrado no texto através do método da “segmentação paralela”, a codificação de variantes nas listas editoriais não se faz mediante um tal aparato, tratando-se de elementos de génese intratextual e não de variantes intertextuais resultantes de diferentes versões de um mesmo texto realizadas em suportes distintos. Assim sendo, nas listas editoriais, e também no exemplo 180^o, todos os acrescentos, modificações, substituições, e eliminações feitas por Pessoa marcam-se utilizando os elementos editoriais TEI habituais para capturar alterações visíveis no texto (<add>, <subst>, , <mod>, etc.). No caso de um acrescento que não substitui outro elemento mas oferece uma alternativa aberta, o elemento <choice> é utilizado para marcar as alternativas.¹⁵

De modo análogo são tratados os acrescentos ao texto que não têm em vista uma substituição de elementos anteriormente incluídos. Nestes casos, estes elementos são apresentados lado a lado na transcrição diplomática e incluídos na última versão da lista, estando ausentes da primeira versão por se tratar de acrescentos posteriores. A apresentação das diferentes versões é feita através de uma estrutura de tipo *tab*, na qual é possível optar entre uma versão e outra, surgindo o facsímile sempre ao lado da versão selecionada. A lista CP 602 (pessoadigital.pt/pt/doc/CP602), pertencente à coleção particular da sobrinha do poeta, Manuela Nogueira, apresenta diversos elementos acrescentados posteriormente, desde logo no seu título. Trata-se de uma lista dos anos 20 em que Pessoa projetou reunir diversos textos já publicados, por ele próprio e por companheiros de geração, sob a designação “Documentos do Futurismo e do Sensacionismo portugueses”, alterada num segundo momento de escrita para “Documentos do neo-simbolismo, do futurismo e do sensacionismo portugueses”. Estas duas versões do projeto correspondem, na edição, ao texto da sua primeira e segunda versões, dando a transcrição diplomática a ver estes diferentes momentos, assim como um trecho riscado: “Documentos do neo-simbolismo, do futurismo e do sensacionismo portugueses”. Do mesmo modo, “O meu Manifesto a toda a gente”, na transcrição diplomática, corresponde a “Manifesto a toda a gente” na primeira versão do texto e “O meu manifesto a toda a gente” na última, referindo-se aqui a um texto do poeta António Botto.

Nesta lista, Pessoa propõe uma reunião singular de textos, que os associa, em alguns casos de forma inesperada, a correntes vanguardistas que correspondem a vigências temporais distintas: o neo-simbolismo, o futurismo e o sensacionismo. Do ponto de vista da obra pessoana, é interessante verificar uma recuperação do futurismo e do sensacionismo nos anos 20, dado que a sua marca é principalmente visível em textos de Pessoa e companheiros de geração da segunda metade da década de 10, alguns deles aqui elencados juntamente com títulos da década de 20. Foi na segunda metade da década de 10 que Pessoa desenvolveu do ponto de vista teórico o movimento que apelida de sensacionismo, como resposta às vanguardas europeias já então vigentes na literatura e nas artes, entre elas o cubismo e o futurismo. A designação acrescentada de “neo-simbolismo” sugere uma identificação dos textos com elementos de uma escola que não está diretamente vinculada com esse pendor vanguardista.

A codificação detalhada das intervenções que Pessoa fez nas listas editoriais permite não apenas criar versões diferenciadas dos textos e oferecer perspectivas distintas sobre a gênese dos documentos ao leitor e utilizador da Edição digital, mas também explorar os elementos codificados através de uma análise quantitativa, por forma a retirar daí conclusões sobre o modo de trabalhar do poeta. É possível constatar que 42% de todas as listas editoriais que já se encontram na Edição digital têm pelo menos uma alteração posterior a uma primeira campanha de escrita. Para este efeito, e nas contabilizações que se seguem, cada acréscimo, substituição, ou eliminação conta como uma alteração individual. Isto significa que, na análise aqui feita, a unidade não é a palavra, ou a letra, mas toda a intervenção. Retomando o exemplo da lista BNP 180', o acréscimo da variante "II" a "Odes liv[ros] I-III" é uma intervenção, a variante "Arco de triumpho" acrescentada a "Trez odes" é contabilizada como uma segunda, e assim sucessivamente. Naturalmente, as intervenções podem ser de extensão muito variável, porque há também casos em que Pessoa riscou por exemplo uma lista inteira. O que interessa aqui é a frequência de intervenções, independentemente da sua extensão.¹⁶ A figura 5 mostra o número de intervenções por lista editorial. É visível que pouco mais de metade das listas (142 de 248 listas) não inclui nenhuma alteração e que o número de alterações feitas naquelas que as têm normalmente não é muito alto. O caso mais frequente é o de uma só intervenção (52 casos), diminuindo o número de listas com o número crescente de intervenções. Há listas individuais com muitas alterações, no caso máximo são 43. Naturalmente, o número de alterações pode estar relacionado com a extensão das listas, que varia de poucas linhas a várias páginas.

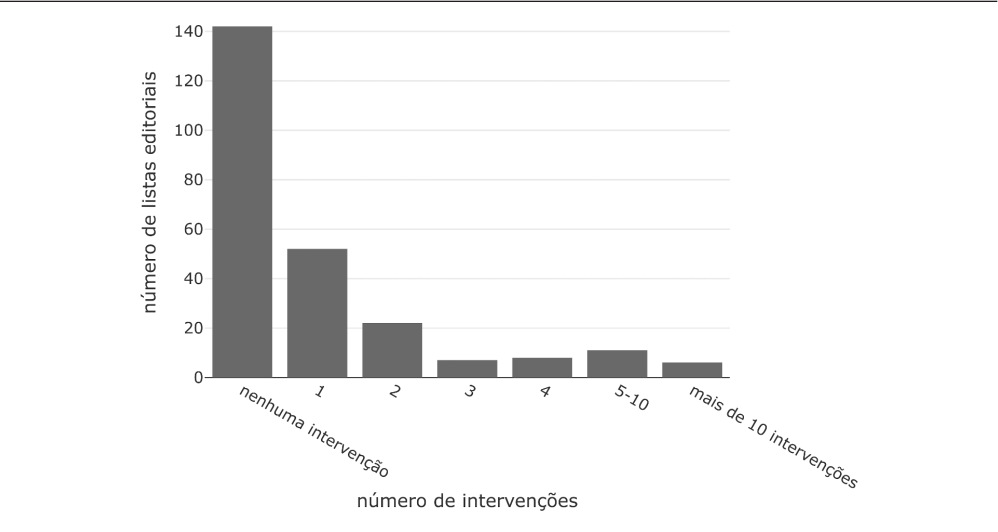


Figura 5. Número de intervenções por lista editorial

A impressão que fica desta análise é a de que se trata de um autor que fez intervenções posteriores a uma primeira redação regularmente, em muitas das listas, contudo não de um modo excessivo, mas seletivo e ponderado. Este é precisamente o modo que define também aquele que foi o gesto de publicação pessoano ao longo de todo o seu percurso, selecionando criteriosamente que parte da obra publicar, em que contexto fazê-lo e com que tipo de relação estabelecida com um dado suporte bibliográfico. A Edição digital procura dar a ver precisamente este modo singular de escrita, planificação e publicação do poeta, oferecendo no caso das listas de projetos editoriais uma visão do carácter processual da sua composição, contemplando nas

publicações a sua especificidade enquanto peças independentes e cuja materialidade é também ela significativa. Como procurámos mostrar, o significado da obra prende-se com um dado processo de escrita e com contextos e suportes da sua exposição pública. Como define Pessoa de forma lapidar no seu último poema publicado, “Conselho” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Conselho), referido no início deste artigo, “Cérca de grandes muros quem te sonhas / Depois, onde é visível o jardim / Através do portão de grade dada, / Põe quantas flores são as mais risonhas, / Para que te conheçam só assim. / Onde ninguém o vir não ponhas nada”.

A Edição digital constitui um espaço de interação com diversos elementos constitutivos da obra de Pessoa, que não só enriquece a experiência de leitura e de acesso, aos suportes e à sua particular história editorial, mas permite também conceber novas formas de compreender o seu conteúdo semântico. Tratando-se de uma obra em que a relação entre as partes e o todo é fundamental, este exercício de leitura convida à reflexão a respeito do modo particular como as partes (os textos e os seus diversos elementos) interagem com o todo (a obra). As edições digitais são ferramentas versáteis: por um lado, permitem integrar diferentes tipos de fontes e segui-las de perto, como no caso das variantes intratextuais nas listas editoriais e das diferentes versões das publicações de Pessoa. Por outro lado, todos os dados recolhidos e criados no processo de representação digital das fontes também constituem um arquivo que é possível interrogar e analisar sob diversas perspetivas, para criar, por exemplo, índices, redes, linhas de tempo, representações gráficas e outras formas que explorem e sintetizem os dados da edição, com vista à produção de conhecimentos. Deste modo, é criada uma nova versão da obra do poeta, que convida o utilizador da Edição digital a confrontar produtivamente o que é oferecido e a colocar as suas próprias questões aos materiais apresentados, segundo a visão de Moretti de que a utilização de arquivos digitais (e necessariamente também de edições) resulta numa experimentação e numa interrogação da cultura: “‘questions put to nature’ is how experiments are often described, and what I’m imagining here are questions put to culture” (114).

NOTAS

¹ Os modos como é possível contar as publicações de Pessoa podem variar consoante vários critérios, que incluem a questão do número de poemas que fazem parte de um mesmo conjunto, estando ainda, em alguns casos, um mesmo poema integrado em mais do que um conjunto efetivamente publicado. Porém, e tendo em vista um critério orientado pelas instâncias de publicação, um valor aproximativo pode enunciar que Pessoa realizou, entre 1912 e 1935, um total de 210 publicações em jornais, revistas literárias, catálogos, livros, folhetos e folhas volantes, isto é, uma média de perto de 8,5 publicações por ano, o que inclui artigos, respostas a inquéritos, prefácios de livros e, naturalmente, poemas e prosas de caráter marcadamente literário. Dessas 210 publicações, 78 são de poesia e 132 em prosa. Para além disso, poderiam acrescentar-se uma trintena de traduções, do inglês e do espanhol para português, incluindo livros completos, fragmentos de prosa e poemas.

² Uma pequena parte deste espólio está disponível em purl.pt/1000/1/.

³ Poema publicado em *Sudoeste*, Cadernos de Almada Negreiros, novembro de 1935, pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Conselho, ver a este respeito Sepúlveda, “Ostensivo e reservado”.

⁴ O *script* utilizado para criar a figura 1 está disponível em github.com/ccch/pessoa/blob/master/app/xslt/helpers/analyze-doc-numbers.xsl. A análise baseia-se nos documentos TEI de listas editoriais e publicações como se encontravam no dia 13 de dezembro de 2020, o que pode ser rastreado através da conta GitHub do projeto em github.com/ccch/pessoa.

⁵ Outros exemplos podem encontrar-se nas listas BNP 144X-48^v, 48G-29^r, 169^r, 180^r e 189^r: pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_144X-48v; pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_48G-29r; pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_169r; pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_180r; pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_189r.

⁶ Ver: pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_A_Ceifeira; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Impressoes-do-Crepusculo; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Cancao-Sol-nulo-dos-dias-vaos; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Cancao_de-Outomno.

⁷ O caso de “Alguns poemas” é o único em que Pessoa recupera poemas anteriormente publicados de forma isolada, inserindo-os num novo conjunto. Para além da variação de conjuntos que apresenta a publicação dos poemas que serão reunidos no livro *Mensagem*, comentada em seguida, mais comum é

a situação das republicações isoladas de poemas anteriormente integrados em conjuntos, que acontece nos seguintes casos, editados autonomamente: pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Gladio; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Nevoa; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Prece; pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Passos_da_Cruz_XII.

⁸ Para além dos referidos conjuntos “Mar português”, que foi integrado no livro sob o mesmo título, e “Do livro mensagem”, fazendo referência direta ao livro entretanto publicado, Pessoa publica um conjunto de três poemas sob a designação “Triptico” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Triptico) e outro também já após a publicação do livro (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Mensagem).

⁹ O mesmo método é seguido nas variantes que se encontram nos seguintes poemas: “Gomes Leal” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Gomes-Leal; duas variantes ortográficas e outras de pontuação), “Natal (‘Natal. Na provincia neva’)” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Natal-Na-provincia-neva; duas variantes ortográficas e outras de pontuação), “Canção (‘Sol nulo dos dias vãos’)” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Cancao-Sol-nulo-dos-dias-vaos; texto idêntico mas com diferenças ortográficas em relação a “Alguns poemas”), “O avô e o neto” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_O-Avo-e-o-Neto; texto idêntico com exceção do título), e “O menino da sua mãe” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_O-Menino-da-sua-Mae; uma variante ortográfica e outras de pontuação). Nas duas versões publicadas do poema “Addiamento” (pessoadigital.pt/pt/pub/Campos_Addiamento) o texto é idêntico.

¹⁰ Ligeiramente diferente é o caso de textos que foram primeiro publicados em jornais e depois passaram a integrar livros organizados por mãos que não as de Pessoa e que ainda não foram contemplados na Edição digital.

¹¹ Outro exemplo é o caso do texto “Organisar” (pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Organisar), publicado primeiro na *Revista de comércio e contabilidade*, de co-responsabilidade de Pessoa, e posteriormente no jornal *Sol: Bi-semanário republicano*. Para além das diferenças ortográficas entre ambas versões, na segunda foram acrescentados subtítulos por secções, anteriormente ausentes. Neste caso, a edição toma esta segunda versão como base e comenta as diferenças numa nota editorial, disponibilizando os facsímiles de ambas publicações.

¹² Ver as edições da obra de Pessoa em livro incluídas na lista de obras citadas, todas elas exemplificativas desta aplicação de critérios excludentes.

¹³ A edição crítica de Fernando Pessoa, publicada pela INCM, segue a metodologia da crítica genética, privilegiando a última lição deixada pelo autor, tal como faz a mais recente coleção publicada pela Tinta-da-China (ver Castro, *Editar Pessoa* e p. ex. Pessoa, *Poemas e obra completa*). Em sentido contrário, as edições publicadas pela Assírio & Alvim seguem habitualmente, nos casos de variantes, a primeira lição do texto, com exceção de algumas edições da responsabilidade de Richard Zenith, que optam pelo critério hermenêutico como base para decidir entre variantes (ver p. ex. Pessoa, *Prosa publicada*).

¹⁴ Ver as outras ocorrências deste e de outros títulos da lista, tanto em listas como em publicações, assim como dos nomes autorais, no respetivo índice de nomes e títulos, cujas entradas são apresentadas em pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_180r#index. A respeito da indexação dos títulos de obras na edição ver Sepúlveda e Henny-Krahmer.

¹⁵ Por exemplo, o número de volumes acima citado é codificado do seguinte modo: I-<choice><seg n="1">III</seg><seg n="2"><add place="above">II</add></seg></choice>. Aqui, o número III constitui a primeira alternativa (n="1") e o número II a segunda (n="2"), a que é acrescentada (<add>) em cima da primeira (place="above"). O atributo @n, que na edição digital só pode ter os valores “1” ou “2”, é utilizado como um meio simples de marcação da génese dos documentos, limitando-se a dois níveis principais. Os procedimentos de codificação das listas editoriais são exemplificados e descritos detalhadamente na documentação do esquema TEI utilizado na edição digital. Veja-se pessoadigital.pt/tei-odd (a documentação será objeto de atualização no decorrer dos trabalhos na edição).

¹⁶ O *script* para a análise quantitativa de intervenções nas listas editoriais encontra-se disponível em github.com/cceh/pessoa/blob/master/app/xslt/helpers/analyze-variances.xsl. Sobre os dados utilizados veja-se a nota 4.

OBRAS CITADAS

- Burnard, Lou. *What is the Text Encoding Initiative? How to Add Intelligent Markup to Digital Resources*. OpenEdition Press, 2014. doi.org/10.4000/books.oep.426.
- Castro, Ivo. *Editar Pessoa*. INCM, 2013.
- Hayles, N. Katherine. *How We Think: Digital Media and Contemporary Technogenesis*, U of Chicago P, 2012.
- McGann, Jerome J. “The Rationale of Hypertext”. *Radiant Textuality: Literature after the World Wide Web*. Palgrave, 2001, pp. 53–74.
- . “Texts and Textualities”. *The Textual Condition*. Princeton UP, 1991, pp. 3–16.

- Moretti, Franco. "The Novel: History and Theory". *New Left Review*, vol. 42, 2008, pp. 111–24.
- Pessoa, Fernando. *Crítica: Ensaios, artigos e entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins, Assírio & Alvim, 1999.
- . *Ficções do interlúdio*. Edição de Fernando Cabral Martins, Biblioteca de editores independentes, 2017.
- . *Mensagem e poemas publicados em vida*. Edição de Luiz Fagundes Duarte, INCM, 2018.
- . *Obra completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe, Tinta-da-China, 2016.
- . *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição de Ivo Castro, INCM, 2015.
- . *Proses: Volume I 1912–1922*. Edição de José Blanco, Éditions de La Différence, 2013.
- . *Proses: Volume II 1923–1935*. Edição de José Blanco, Éditions de La Différence, 2013.
- . *Prosa publicada em vida*. Edição de Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2017.
- Pierazzo, Elena. *Digital Scholarly Editing: Theories, Models and Methods*. Ashgate, 2015.
- Sepúlveda, Pedro. *Os livros de Fernando Pessoa*. Ática, 2013.
- . Sepúlveda, Pedro. "Ostensivo e reservado". *Revista colóquio/Letras*, núm. 203, 2020, pp. 99–110.
- Sepúlveda, Pedro, e Jorge Uribe. *O planeamento editorial de Fernando Pessoa*. INCM, 2016.
- Sepúlveda, Pedro, e Ulrike Henny Krahmer. "Titel- und Werkgenese in Pessoa's Projekten und Publikationen". *Textgenese in der Digitalen Edition*, editado por Anke Bosse e Walter Fanta, Walter de Gruyter, 2019, pp. 213–28.
- Sepúlveda, Pedro, et al., editores. Edição digital de Fernando Pessoa: Projetos e publicações. IELT, Universidade Nova de Lisboa e CCEH, Universidade de Colónia, 2017–21, Versão 1.0, pessoadigital.pt.
- Silva, Manuela Parreira da. "Eh Real?". *Revistas de ideias e cultura*. Editado por Ricardo Marques, 2017. ric.slhi.pt/Eh_Real!/eh_real!?lang=pt.
- Simões, João Gaspar. *Fernando Pessoa: Retrato memória*. Universidade Católica Portuguesa, 1989.
- Sousa, João Rui de. *Fotobibliografia de Fernando Pessoa (1902–1935)*. INCM, 1988.
- Tabucchi, Antonio. *Un baule pieno di gente: Scritti su Fernando Pessoa*. Feltrinelli, 2019.
- TEI Consortium. "<handShift>". *TEI P5: Guidelines for Electronic Text Encoding and Interchange*, version 4.1.0. tei-c.org/release/doc/tei-p5-doc/de/html/ref-handShift.html.
- Uribe, Jorge. "Em vida de Fernando Pessoa: Lista de publicações". *Revista estranhar Pessoa*, núm. 7, editado por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, IELT, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. estranharpessoa.com/revista.
- Vanhoutte, Edward. "5. Defining Electronic Editions: A Historical and Functional Perspective". *Text and Genre in Reconstruction: Effects of Digitalization on Ideas, Behaviours, Products and Institutions*, Open Book Publishers, 2010, books.openedition.org/obp/654.